

Congresso não muda com eleição

Villas-Bôas Corrêa

Dos 503 deputados federais a serem eleitos a 3 de outubro, o PFL em alta e o PMDB decaído devem emplacar a metade, em torno de 250, para trabalhar com números redondos. A mistura pode parecer extravagante quando se observa que o PFL ostenta assumido governo e o PMDB, fraturado, costuma dividir convicções e votos entre governo e oposição. Na verdade, o acasalamento justifica-se pelas afinidades entre duas legendas que tanto se parecem que, por vezes, são confundidas.

Abaixo do bloco majoritário, à larga distância, estima-se que o feixe de siglas que amarra o PRN, o PTB, o PDS e o PL eleja bancada de 130 deputados.

Terceira provável força na avaliação que adota o critério de agrupar tendências aparentadas, a oposição, inclinada para a esquerda, deve fixar-se em uma centena de parlamentares, distribuídos pelas legendas do PT, do PDT, do PSDB, do PC e do PC do B.

Sobram cerca de 20 cadeiras para o rateio entre pequenos partidos.

Previsão impossível — O diretor-executivo do Ibope, Car-

los Augusto Montenegro, não assina o que não merece a fé de pesquisa e baixa à cautelosa classificação de simples estimativa.

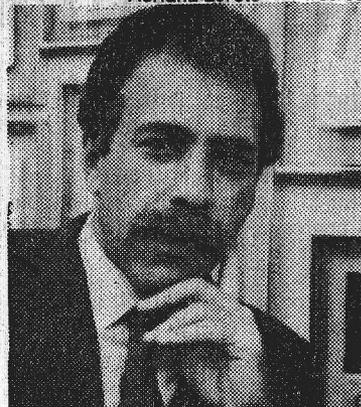
E com todas as ressalvas. O Ibope ensaiou pesquisas sobre a provável composição do futuro Congresso, mas esbarrou no paredão de índices desestimulantes de intenções de voto em branco, no protesto do voto nulo e em percentuais nunca vistos de indecisos. Não dava para bancar prognóstico. Para assembleias legislativas nem se ousou conferir preferências de eleitorado disperso e na encolha.

Se não era aconselhável antecipar o perfil partidário do Congresso que funcionará, a partir de 5 de outubro de 93, como constituinte revisora do texto da Constituição de 88, o desvio possível apontou para tentativa de analisar a rejeição do eleitorado, sua resistência a votar para recompor o Congresso, a surpreendente alteração da rota batida da marcha renovadora para o desdém do desinteresse.

As pesquisas chegaram a registrar 75% de indecisos no Sul e no Sudeste, com desconto de 60% no Norte, no Nordeste e no Centro-Oeste. E mais e pior: de cada dois eleitores definidos quanto ao candidato a governador, um manifestou disposição de não votar para deputado federal.

Estes índices devem baixar com a clássica onda da véspera da eleição. Ainda assim, prevê-se

Adriana Lorete — 11/08/88



Montenegro

que a mistura corrosiva da indiferença e do protesto do eleitor com erros involuntários na afofação de assinalar cruzes em célula complicada de eleição simultânea para governador, senador, deputado federal e deputado estadual produza o resultado preocupante de altos índices de votos brancos e nulos nos mapas de apuração. O que projeta a sombra da arguição de ilegitimidade de Congresso eventualmente eleito pela minoria do eleitorado.

Massa de manobra — A estimativa sobre a composição da nova Câmara de Deputados com a provável distribuição partidária é apenas uma referência para especulações.

Vale, por exemplo, para calcular, por aproximação, que a oposição deve organizar-se a partir de núcleo básico de 100 deputados, ou 20% do plenário. Não é muito, mas dá para começar. Até porque tende a encorpar com adesões de egressos de

legendas que gravitam em torno do governo, sem a segurança de compromissos de fidelidade.

O PMDB deve fornecer munição para o combate ao governo.

Mas, é inegável que o presidente Collor de Mello deverá ter uma majoritária massa de manobra à sua disposição, como desafio e incitamento à articulação competente e liberta de preconceitos contra a atividade política.

Governo popularmente forte, apoiado no êxito, terá multiplicadas condições para armar esquema sólido de sustentação parlamentar, libertando-se do sufoco de maiorias de circunstância, montadas no varejo da cabala de última hora. Ou da apelação salvadora para os truques da obstrução, de negar quórum fugindo do voto, que tem sido a marca e a provação do governo com o Congresso em final de mandato.

Vai depender da disposição, da garra, das pretensões presidenciais. E da habilidade em atrair apoios, em costura facilitada pela eventual ajuda da quase totalidade dos futuros governadores. Pois, pelas indicações das pesquisas, governador de oposição para valer, só mesmo o do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, a definir a eleição, por folgada maioria absoluta, no primeiro turno. Credenciando-se, portanto, para meter mão à obra e sair à frente, convocando a oposição.